

Daniel dos Santos Fernandes
Luis Junior Costa Saraiva
Jéssica do Socorro Leite Corrêa
Organizadores

“CÂMERAS SUBJETIVAS”

imagens em trânsito sobre o Nordeste paraense



AUTORES

Alexandra Castro Conceição
Christóvam Pamplona Neto
Daniel dos Santos Fernandes
Danilo Gustavo Silveira Asp
Emanuele Nazaré da Silva
Gabriella Bianca Miuta Cavalli
Jéssica do Socorro Leite Corrêa
Jocenilda Pires de Sousa do Rosário
Luis Junior Costa Saraiva
Pedro Olaia
Samuel Antonio Silva do Rosário



Pedro & João Editores
São Carlos
2017

PESCANDO INFÂNCIAS:

espaços de aprendizagem e interação de crianças no contexto da pesca artesanal, Vila Tucum / Bragança-PA

Jéssica do Socorro Leite Corrêa¹

Daniel dos Santos Fernandes²

A pesquisa realizada com crianças no contexto da pesca artesanal nos aproximou de aspectos sociais, culturais, ambientais e educacionais do contexto pesqueiro na Vila Tucum³, na cidade de Bragança-PA, mas especificamente da maneira como pescadores de camarão de forma intencional ou não aproximam seus filhos dos saberes que envolvem a pesca. Com relação ao espaço de pesquisa é válido destacar que o nome da Vila que apresentamos no decorrer desse artigo surge a partir da forma como os moradores envolvidos na pesquisa identificam o espaço em que vivem, que tem origem a partir da explicação do surgimento da vila ou para alguns do seu crescimento, pois a Vila Tucum originou-se com a expansão da Vila do Castelo. De acordo com Barraca⁴ (pescador), 39 anos, com o crescimento populacional não havia mais terreno para a construção de casas, foi quando doaram um terreno anterior a Vila do Castelo que tinha muitas árvores de tucumã, esse espaço foi ocupado principalmente por pessoas vindas de outros lugares, que é o caso da família de Barraca, que veio com os pais e os irmãos da extinta Praia do Picanço.

Os principais enfoques da pesquisa foram as representatividades construídas pelas crianças dos espaços de convivência e também seus saberes no contexto da pesca artesanal. Quais os mecanismos e os espaços construídos à aproximação dessas crianças nos movimentos de pesca? Quais as maneiras que essas crianças constroem suas representatividades dos espaços em que vivem? Esses questionamentos nos direcionaram

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia / UFPA. Membro do grupo de Pesquisa Laboratório de Estudo Linguagem, Imagem e Memórias (LELIM). Correo eletrônico: etiejessica@gmail.com

² Professor Doutor em Antropologia, Coordenador do grupo de Pesquisa Laboratório de Estudo Linguagem, Imagem e Memórias (LELIM). Correo eletrônico: dasafe@msn.com

³ A Vila Tucum corresponde a área de extensão da Vila do Castelo, localizada a aproximadamente 15km do centro da cidade de Bragança-PA.

⁴ Barraca é um dos pescadores que acompanhamos na Vila Tucum, destacamos o nome Tucum, pois durante as primeiras pesquisas de campo, o pescador com 35 anos de profissão, nos apresentou a comunidade, sua história, expansão e principais características.

para o contexto da pesca artesanal com o intuito de compreender a estruturação dos espaços de aprendizagem e troca de saberes.

Com base nas questões anteriores, desenvolvemos a pesquisa sob os moldes da observação participante, e instrumentos do método etnográfico, acompanhamos 3 famílias de pescadores de camarão em seus cotidianos nos espaços da Vila Tucum e na praia Lombo do Cachorro (durante momentos de pescarias), o que será melhor apresentado mais adiante, além do desembarque dos crustáceos e comercialização, e outros momentos.

O trabalho realizado com crianças exige do pesquisador um envolvimento diferenciado, trata-se de uma relação aproximada entre pesquisador e ator social da pesquisa que é construída aos poucos, a partir dos espaços que as crianças disponibilizam à interação, daí a necessidade do trabalho coletivo (a quatro olhos), pois observar as crianças em campo torna-se dificultoso quando os adultos também querem interagir. Esquecendo o trocadilho dos quatro olhos, que representa o sucesso da pesquisa a partir da colaboração entre os envolvidos – pesquisadores – na sua construção, acrescentamos um trocadilho mais perspicaz que é das atividades de campo construído a várias mãos, como apresenta Brandão (2003, p. 46).

(...) seres humanos, grupos humanos, dilemas humanos e criações humanas não são "coisas". Não se comportam como "coisas" e não podem ser reduzidos a lógicas operacionais e mecanicistas com que as "coisas" são definidas e investigadas científica e experimentalmente. (Brandão, 2003. p. 46)

O autor nos envolve com sua perspectiva em relação à pesquisa participante e essencialmente participativa/solidária, apresentando os dilemas da pesquisa científica entre elas a solidariedade X a solidão ou o distanciamento, apesar da pesquisa em questão não ter o objetivo essencialmente educacional (no que tange os moldes formais e institucionais), ela comunga de aspectos de aprendizagem relacionados a pesca, construídos de maneira informal e lúdica.

Esse envolvimento mais participativo é essencial na pesquisa com crianças, como dizíamos anteriormente, pois compreender os saberes adquiridos pelas crianças no contexto da pesca é também mergulhar nesse mundo infantil que não tem nada de *infantia* (*in-*, negativo, mais *fari*, “falar”), levando em consideração a origem da palavra em latim. Nunes (2002) aponta os paradigmas apresentados pela antropóloga Allison James e o sociólogo Alan Prout, para a emergência de uma nova perspectiva de pesquisas com crianças, para eles, estamos diante de um novo paradigma da infância, que surge a partir da necessidade de (re)estruturação do que existia no final do século XX sobre infância, faltava uma organização dos aspectos teóricos sobre o assunto, nesse viés os autores elaboraram alguns princípios que sustentavam esse paradigma, para o presente artigo destacaremos os primeiros, que são:

1. A infância deve ser entendida como construção social, fornecendo assim um quadro interpretativo para os primeiros anos da vida humana (...). 2. A infância deve ser considerada como variável de análise social, tal como gênero, classe ou etnicidade, pois estudos comparativos revelam mais uma variedade de “infâncias” do que um fenômeno único e universal. 3. As relações sociais e a cultura das crianças são merecedoras de estudos em si mesmas, independentemente da perspectiva e dos interesses dos adultos. 4. As crianças devem ser vistas como ativas na construção e determinação de sua própria vida social, (...) não são apenas sujeitos passivos de estruturas e processos sociais (...).” (Nunes, 2002. p. 18)

Sobre as bases epistemológicas do novo paradigma da infância, mergulhamos atentos para um contexto bragantino envolto na pesca artesanal. Atentos para o conjunto de saberes e os espaços de aprendizagens construídos pelos adultos e até pelas crianças, enquanto um espaço de interação entre seus pares. Cohn (2005) apresenta a perspectiva da criança atuante, a criança enquanto um ator social em ação, que não equivale a um adulto em miniatura, mas que apresenta uma autonomia na participação das atividades em seu contexto de vivência, em outras palavras, as crianças não precisam ser enquadradas em funções estipuladas por adultos, mas se enquadram em espaços e organizações definidas e/ou escolhidas por elas.

Mediante as perspectivas dos pesquisadores, principalmente da antropologia e sociologia, a respeito das crianças enquanto atores sociais ativos e produtores de cultura, surgem contribuições diferenciadas até mesmo nos aspectos políticos que envolvem as crianças, Qvortrup (2010, p. 790), no que tange suas representatividades sociais, pois estas são membros da sociedade e nela interferem, seja na família, escola e demais espaços de convivência e socialização, o autor define a categoria geracional da infância, “manter as crianças fora da economia e da política é irrealista. Entre outras razões, isto é provado pelo fato de que as crianças são parte de um projeto que faz delas a matéria para a construção do futuro”.

Com tais contribuições bibliográficas sensibilizamos nossas percepções e formas de interação na pesquisa com crianças, principalmente quando pesquisamos crianças no contexto da pesca artesanal, pois a organização temporal e espacial das comunidades pesqueiras apresentam características bem específicas se considerarmos outros espaços sociais, entretanto nossa intenção é nos aproximar dessa realidade e compreender aspectos preponderantes ao desenvolvimento social das crianças e suas contribuições para a estruturação social da comunidade.

AS CRIANÇAS E A PESCA

Saímos em direção as regiões bragantinas que estão próximas a espaços de rio ou mar, foi comum observarmos crianças em atividades relacionadas a pesca ou outra atividade de interação com o rio, elas apresentavam total atenção para a atividade que

exerciam na interação com as águas, por exemplo, quando manuseavam uma rede ou um anzol, a concentração que aquelas crianças apresentavam durante a pescaria era bem peculiar, não se importando com o movimento constante de pessoas e veículos, a preocupação maior mais parece ser a de encher a garrafa com peixes. Foi o que observamos ainda na Vila de Bacuriteua, a caminho da Vila do Castelo, quando pela ocasião da ida a campo, encontramos três garotos as margens de um rio, que fica cheio apenas no período chuvoso, os garotos estavam pescando com suas pequenas varas de pesca, mas com uma concentração aguçada e uma habilidade sem igual.



É válido ressaltar que a interação com os elementos da natureza também está condicionada ao tempo e a estruturação espacial ecológica, em outras palavras, existem brincadeiras que só podem ser realizadas no período chuvoso, outras nas marés grande etc., outro exemplo das adequações de tempo e espaço, correspondem aos horários de saída e retorno das pescarias, assim como as mudanças de localização dos ranchos⁵, que acontecem principalmente pela mudança de direcionamento do mar.

⁵ Espaço de morada provisória, construídas pelos pescadores para servir de abrigo durante as pescarias, são espaços construídos prioritariamente de madeira e cobertos geralmente de palha.

Em relação as crianças que acompanhamos na pesquisa de campo, não necessariamente apresentam um grande interesse pela pesca, mas se envolviam na maioria das atividades realizadas pelos adultos, concentradas nos movimentos de seus pais, que fazem daquele momento uma diversão em família, agregando até os que não são de casa. Observamos crianças que acompanhavam seus familiares (principalmente os pais) nas saídas de pesca, crianças atentas aos movimentos de comercialização do pescado capturado, brincado próximos aos espaços em que as redes são concertadas e também em algumas situações manuseando os objetos utilizados nas atividades de pesca.



Ao chegar na Vila do Castelo, mas especificamente a região que corresponde a Vila Tucum, conhecemos a família de Zico, pescador de camarão que trabalha na atividade da pesca desde a infância quando acompanhava seus pais, ele com 32 anos pesca camarão branco há pelo menos 10 anos, juntamente com outros dois irmãos (25 e 28 anos) e um sobrinho (16 anos), destacamos que essa não é a única atividade pesqueira exercida pelos pescadores, pois a pescaria do camarão branco, *Litopenaeus schmitti*, apresenta uma sazonalidade muito específica, sua incidência acontece nos períodos mais quentes do ano, no período chuvoso geralmente esses pescadores investem na captura de outros pescados.

Zico mora com sua esposa mais conhecida como Preta (29 anos) e seus dois filhos (Pablo – 3 anos e Leiliane – 10 anos) e um sobrinho, também conhecido como Interadinho (16 anos) que é seu parceiro de pescaria, para a escrita do presente artigo optamos utilizar o nome como os atores sociais gostam de ser identificados. Das famílias de pescadores que acompanhamos na pesquisa, Zico foi o único que criou momentos de interação de seus filhos com a pesca em outros espaços fora da Vila aonde vivem, não que as demais famílias não realizem essas viagens, mas elas não acontecem com frequência.



As viagens de pesca que acompanhamos da família de Zico foi um convite que não hesitamos em aceitar, aquela era a oportunidade de aproximação que precisávamos para conhecer melhor o que tentávamos mergulhar e conhecer. Aceitar o convite nos permitiu não somente acompanhar a família desse pescador de camarão em sua atividade e até mesmo em seu momento de diversão em família, mas também apreciar e observar a vida daquelas que fazem do rio sua “rua”, seu espaço de trabalho e divertimento. Acompanhamos ele e sua família durante três atividades de pesca no ano de 2016. Durante as viagens, percebemos que as atividades que ocorriam nas viagens estavam voltadas muito mais para a interação familiar. A exemplo da viagem realizada em janeiro de 2016, na ocasião passamos três dias no rancho localizado na Praia Lombo do Cachorro, a 02h30min da Vila em uma canoa monomotor.

Ao chegar na Praia todos tem uma atividade a realizar, como: limpar o rancho, carregar os objetos da canoa, procurar madeira para fazer o fogo, organizar as coisas no racho etc. Após a realização das tarefas é hora de se divertir e por que não com tanto

espaço para tal atividade que também se caracteriza como uma interação entre crianças e seus pares. Benjamin (1994, p. 250) fala sobre o rompimento de uma leitura individual do que é a infância e de como as crianças até então eram interpretadas, sob os moldes da psicologia, e aponta para uma construção coletiva da infância, de acordo com o autor, “o mundo perceptível da criança está marcado pelos traços da geração anterior e se confronta com eles; o mesmo ocorre com suas brincadeiras”.



Benjamin (1994) apresenta ainda características filosóficas e emocionais das significações do brincar e do repetir, do fazer novamente e de novo e quantas vezes for necessário para então farta-se de erros e acertos, o que quando adulto apresentamos sensações semelhantes quando narramos nossas experiências.

A criança recria essa experiência, faz sempre tudo de novo, desde o início. Talvez seja esta a raiz mais profunda do duplo sentido da palavra alemã *Spielen* (brincar e representar): repetir o mesmo seria seu elemento comum. A essência da representação, como da brincadeira, não é “fazer com se”, mas “fazer sempre de novo”, é a transformação em hábito de uma experiência devastadora. (Benjamin, 1994, p. 253)

Em alguns momentos, durante as viagens com a família de Zico, a sensação era de compartilhar da mesma brincadeira. Entretanto é válido ressaltar que brincar não é sinônimo de atos impensáveis, muito pelo contrário, Zico e Preta estão a todo instante

avaliando as atitudes dos filhos para que não façam nada que poderá acabar com a diversão. A noite vem chegando e nos recolhemos para o interior do rancho.

No mesmo dia que chegamos na praia, ao cair da noite saímos novamente na canoa para um pesqueiro⁶ de camarão, Zico queria ver se conseguia capturar alguns camarões para o jantar e também nos mostrar como a água brilha durante a noite, ele parou a canoa em um banco de areia formado durante a maré baixa (croá), e ali ficamos (crianças e mulheres) enquanto os homens jogavam as redes ao mar e realizavam os arrastos, mas naquela noite a pescaria não foi bem sucedida, não conseguimos capturar muita coisa e como a maré estava enchendo, Zico decidiu por retornar ao rancho.

Esse é outro aspecto interessante observado durante as pescarias, o pescador por mais que tenha interesse em estar na presença da família, este não toma decisões que podem colocar em risco a vida de seus membros, ele verifica os limites de suas ações sempre em relação aos filhos, nos demais dias as crianças já não acompanharam as pescarias de arrasto, por outro lado o pai proporcionou a elas à realização de outras atividades.

Os dias na praia Lombo do Cachorro seguiam sempre com uma atividade diferente a ser realizada, pudemos acompanhar a captura de mexilhão (sururu)⁷, caranguejo e turú. A captura do mexilhão, que depois se tornou nosso jantar, foi bastante divertida, pois exigia atenção e habilidades com as mãos, Zico ensinou a todos como capturar e Preta deu algumas dicas interessantes de como saber em que buraco encontraríamos sururu, observando o chão lamacento do manguezal podemos verificar muitas marcas, pegadas de animais, matérias orgânicas e alguns riscos nos mais diferentes formatos, mas aqueles riscos que tem maior frequência e são uniformes em seus tamanhos e aparência é só colocar o dedo indicador e verificar se há mexilhão, Preta nos orientou a verificar nos buracos antes de colocar o dedo se conseguimos ver alguma coisa, aqueles que apresentam um brilho diferente é que tem sururu dentro. Com tais dicas, crianças e adultos se divertiram na coleta do jantar, e depois, para ficar ainda melhor, só se for para tomar banho no mar, ou se lavar com a água salgada.

⁶ Os pesqueiros são espaços de pesca definidos pelos pescadores de acordo com a incidência de pescado naquela região, geralmente regiões no meio do mar.

⁷ *Mytella guyanensis*, popularmente conhecido como sururu de dedo, capturado próximos as raízes de mangue.



As crianças se envolvem nas atividades de pesca, principalmente por se tratar de um momento de socialização em família e também por ser uma atividade divertida, essa leveza na execução das atividades de pesca organizadas por Zico e Preta fazem toda a diferença no processo de socialização e aprendizado das crianças, o que vem associado principalmente ao respeito pelo cenário dessa socialização, as praias, as águas, os manguezais, é nesse interagir e na realização das atividades que eles mergulham no significado do que é ser pescador artesanal.

Nessa perspectiva é válido ressaltar aspectos preponderantes que dialogam com os pressupostos da subjetividade de nossas ações e também de nossas observações, afirmamos que há uma intencionalidade, não especificada, na construção dos espaços de interação entre as crianças e a pesca. Entretanto, não podemos desconsiderar que compartilho daquilo que conheço, um determinado “capital cultural”, como apresentado por Bourdieu (2003, p. 41), “cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas, um certo capital cultural e um certo ethos, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre outras coisas, as atitudes face ao capital cultural (...)”, o autor nos apresenta a questão central, apesar de sua discussão estivesse voltada a construção cultural e sua representatividade nos espaços escolares, o trecho destacado nos remete a estrutura orgânica em que se constrói culturalmente um ser, que é a família e a sociedade, em outras palavras o contexto.

É válido destacar as perspectivas apontadas por Nunes (2002) no que consiste a repetição para os adultos, pois de acordo com a autora, não apresenta o mesmo significado para as crianças. O fazer “repetitivos” de atividades e brincadeiras incide em um crescente desenvolver-se, uma soma de registros anteriores.

Por isso as crianças insistem em repetir tanto o que para nós parece ser sempre igual. Na verdade, para as crianças nunca é igual. A cada vez que repetem, elas tentam novas possibilidades, enfrentam novos desafios, afirmam um novo saber. Além do mais, o fato de se empenharem em tanta repetição, não obstante a isso estejam obrigadas, ou seja, o fazem espontaneamente, indica que a criança tem, conscientemente ou não, e ainda que circunscrito a breves momentos, interesse pelo que está fazendo. (Nunes, 2002, p. 82)

A partir desta perspectiva é mais tranquilo observar nas crianças as atividades que se repetem e que a partir daquela ação cria-se um campo propício para o desenvolvimento de habilidades. Pensando no desenvolvimento das habilidades adquiridas pelas crianças, e na maioria das vezes sem intervenção direta do adulto, recorro ao diário de campo⁸, na ocasião estava saindo da casa de um pescador em direção a casa de Kiara (5 anos) para visitar sua mãe e o irmão que tinha nascido a poucos dias, ela estava me acompanhando, alguns metros antes de chegar em sua casa, debaixo da sombra de uma mangueira ela parou, olhou pra mim e disse ao mesmo tempo em que movimentava seu corpo, olha o que eu sei fazer, a dança do macarrão! - a garota deu um pequeno pulo, girou o corpo e

⁸ Anotações do diário de campo em: 25.08.2016

abriu as pernas caindo ao chão e fazendo uma abertura que para mim era digna de um prêmio olímpico de tão surpreendente - logo questionei como ela conseguiu fazer aquilo e com quem tinha aprendido, rapidamente ela disse que aprendeu sozinha e só ela conseguia fazer daquele jeito.

A partir dessa situação em campo, voltamos as contribuições de Nunes (2002, p. 83) apresentando ainda que as crianças no ato de suas “repetições” estão a trabalhar habilidades e ressalta que nem sempre o fazem na frente de adultos ou até mesmo de outras crianças, quando resolvem fazer na frente de alguém é por que precisam apresentar aos outros e por estes serem admiradas.



OUTROS MODOS DE INTERAÇÃO

Ao chegar na Vila do Castelo, ou até mesmo na região que corresponde a Vila Tucum é inevitável encontrar crianças, elas estão em todos os espaços, a realizar as mais diferentes tarefas, quando os pescadores estão se organizando para sair, ali estarão elas acompanhando seus parentes, ajudando a carregar algum objeto se for preciso ou simplesmente observando. A mesma situação acontece no retorno das pescarias, as crianças estão curiosas para saber quem trouxe peixe e saber das histórias daquela pescaria. Estão sempre atentas ao momento de comercialização, que geralmente acontece ali mesmo, no espaço de chegada dos barcos, quando os pescadores vendem os animais

capturados para os atravessadores⁹, enquanto os adultos negociam os produtos, elas estão pegando gelo do saco para colocar na boca, brincando, pegando no pescado, ou só olhando. Elas acompanham os adultos ou seus irmãos mais velhos em outras atividades também, como pegar lenha e tomar banho na maré.

Observar crianças, é estar atentos a todos os momentos, a cada olhar desconfiado, a cada frase involuntária ou gestos que consigam despertar no pesquisador a curiosidade de entendimento. São sempre pequenos os detalhes que exigem atenção daqueles que observam. Na pesquisa com crianças, sob os moldes da antropologia, a autora Clarice Cohn (2005) nos apresenta questões diversificadas sobre a pesquisa, entre elas, a atenção para evitar olhares adultocêntricos e da utilização de registros audiovisuais para apresentar um submundo que é exclusivamente das crianças.



⁹ Pessoas que realizam a compra para revender a uma terceira pessoa que também comercializará o pescado, por isso são chamados de atravessadores, ou também conhecidos como patrões por financiarem os pescadores antes das saídas as pescarias com vales e despesas.

Em diferentes momentos da pesquisa, a maior de todas as indagações seria: quem ocupa a posição de observador? No resumo dos fatos, não existe nenhum sujeito específico a ocupar essa categoria de modo constante e definitivo, da mesma forma que observamos e tiramos algumas conclusões, nós também somos constantemente observados, a dificuldade estar em saber quais são as conclusões do outro que observa, na maioria das vezes, calado. No contexto da pesquisa científica somos sistematizadores de ideias e observações, mas no contexto da pesca artesanal, mas especificamente no mundo das crianças, somos personagens estranhos querendo se encontrar e em algumas situações dispostos a compartilhar momentos e também o celular para tirar fotos.

E nesse movimento, nessa interação com o contexto e com as crianças que nos aproximamos do conceito de “reprodução interpretativa” apontado por Corsaro (2005, 2011) a partir da análise e interpretação das “culturas de pares”. Essa prerrogativa interpretativa acontece principalmente com a proximidade estabelecida entre pesquisador e atores sociais, as crianças. Pois apesar da infância caracterizar-se enquanto período temporário da vida humana, esta é uma estrutura permanente, geracional, que está em constante renovação de seus membros e de suas características sociocultural.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 2003, cap. II.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A pergunta em várias mãos: a experiência da partilha através da pesquisa na educação**. São Paulo: Cortez, 2003.
- COHN, Clarice. **Antropologia da Criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- CORSARO, William A. Entrada no Campo, Aceitação e Natureza da Participação nos Estudos Etnográficos com Crianças Pequenas. **Revista Edu. Soc**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 443-464, Maio/Ago, 2005.
- _____. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- QVORTRUP, Jens. A tentação da diversidade e seus riscos. **Educação e Sociedade**, v. 31, n. 113, p. 1121-1136, 2010.
- NUNES, Angela. No tempo e no espaço: brincadeiras das crianças A'uwe-Xavante. In: LOPES DA SILVA, Aracy; NUNES, Angela (orgs.) **Crianças Indígenas: ensaios antropológicos**. São Paulo: Global, 2002.